

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CLAUDINEI CLEMENTE

O HISTÓRICO DO JORNAL TRIBUNA DA FRONTEIRA EM RIOMAFRA

CURITIBA

2013

CLAUDINEI CLEMENTE

O HISTÓRICO DO JORNALTRIBUNA DA FRONTEIRA EM RIOMAFRA

Artigo apresentado para obtenção do título de Especialista em Mídias Integradas na Educação no Curso de Pós-Graduação em Mídias Integradas na Educação, Setor de Educação Profissional e Tecnológica, Universidade Federal do Paraná.

Orientador (a): Prof(a.) Aura Valente

CURITIBA

2013

CLEMENTE*, Claudinei.

Curso de Especialização em Mídias Integradas na Educação, SEPT/UFPR.

Pólo UAB de Apoio Presencial em Rio Negro/PR

RESUMO

O presente artigo apresenta a trajetória do Jornal Tribuna da Fronteira da cidade de Mafra SC. Pesquisa validada pela Escola de *Analles*. A área de abrangência do jornal é regional, com circulação do planalto norte catarinense e o sul do Paraná. O resgate da história dos jornais regionais contribui de forma significativa para o entendimento da história da imprensa no Brasil. O Jornal Tribuna da Fronteira é o jornal com o maior tempo de circulação, sendo editado nas cidades de Mafra SC. No ano de 2013, completa 53 anos de edições interruptas.

Palavras chave: Jornalismo, linha editorial e jornal Tribuna da Fronteira.

1 INTRODUÇÃO

O artigo visa o resgate da trajetória histórica do jornal Tribuna da Fronteira, sendo o jornal editado na cidade de Mafra SC.

A cidade de Mafra completará 100 anos em 2017, sendo que há poucos relatos sobre a sua história jornalística, política, social e cultural. No que tange em nível local das cidades de Mafra SC e Rio Negro PR, cidades denominadas de irmãs, são poucas as pesquisas de resgate histórico, sendo que grande parte das pesquisas somente reproduz o que já é conhecido. Outro fator relevante é que das poucas obras locais, um número mais reduzido foi de autoria de historiadores. Não há relato abrangente a imprensa local.

Nos Estados do Paraná e Santa Catarina há uma lacuna de pesquisas visando o resgate da imprensa local. Pesquisas acadêmicas esporádicas foram realizadas, mas no nível das cidades de Mafra SC e Rio Negro PR, há carência de bibliografias pertinentes ao assunto indagado, sendo que no artigo usou-se as fontes tradicionais e validadas pela Escola de *Annales*.

*Rua Servidor Ernesto Nitz, nº 271, Bairro Faxinal, CEP 89300-000, Mafra SC.
e-mail: Claudinei_clemente@yahoo.com.br

Os temas mais abordados da região Riomafra, são sobre a colonização e a Guerra do Contestado. No que tange a colonização, é referente à etnia bucovina¹.

É relevante o resgate da história da imprensa, pois a base da pesquisa ressalta os valores da *Escola dos Annales*, sendo que as fontes para o desenvolvimento da pesquisa baseiam-se na oralidade e pesquisas em jornais. O resgate do presente tema é pertinente para a história local e estadual.

A *Escola de Annales* surgiu na França em meados do século XX, sendo os precursores Lucien Febvree e Marc Bloch. Dentro da linha historiográfica, a *Escola de Annales* valoriza como fonte de pesquisa a oralidade, fontes jornalísticas, imagens, documentos não oficiais, saindo da concepção tradicionais.

A pesquisa está norteada no seguinte problema: Qual a trajetória histórica do jornal Tribuna da Fronteira?

As indagações buscam sanar os seguintes dilemas da pesquisar a cronologia das atividades do jornal; destacar o tipo de linha editorial do jornal; caracterizar o histórico dos idealizadores e mantenedores.

2 A COMUNICAÇÃO VERBAL

Na evolução humana, o Homem diferenciou-se dos demais animais pelo ato da comunicação. Segundo Melo (1975, p. 14), a “comunicação vem do latim *communis*, comum. O que introduz a ideia de comunhão, comunidade”.

Gestos, sons, imagens contribuíram para que os hominídeos fortalecessem os laços de sociabilidade. Segundo Giovanni Giovannini (1987), o homo sapiens foi o estopim do surgimento da comunicação interpessoal. Essa caracteriza-se pela informação, tanto por sons ou por gestos, sendo um facilitador das relações sociais.

A linguagem tanto culta como a popular, a cultura e a tecnologia são elementos indissociáveis do processo da comunicação. O grande diferencial dos seres humanos é a comunicação atrelada às demais habilidades pelas relações sociais, raciocínio e agilidade principalmente pelas capacidades manuais.

¹ Etnia proveniente da Baviera (Floresta Bávara), no Sul da Alemanha, e migraram para a Boêmia (atual República Tcheca), em fins do século XVIII. Em 1887 e 1888, emigraram para o Brasil, para Rio Negro e Mafra. Foram 77 famílias, 377 pessoas que migraram para a região compreendida a Riomafra.

Quanto à linguagem, Tattersall (2006, p. 73) afirma que “[...] se estamos procurando um único fator de liberação cultural que abriu caminho para a cognição simbólica, a invenção da linguagem é a candidata mais óbvia”.

Através do desenvolvimento da oralidade, propiciou novas descobertas, sendo a linguagem um fator determinante para a evolução e diferenciação do *homo sapiens sapiens* dos demais animais. O grande diferencial são os aspectos culturais que tangem a sociedade.

A linguagem, a cultura e a tecnologia propiciaram inúmeras transformações nas sociedades, a evolução de meios de trabalho, comunicação, sociabilidade e linguagem que facilitaram as relações intrapessoais.

O homem no início da evolução começou a retratar seu cotidiano com imagens, sendo primeiramente a imagem rupestre. Os materiais usados para pintar as imagens na arte rupestre na era inicial da hominização consistiam em usar os materiais que melhor adequassem aos seus anseios. Plantas, água e minerais formavam a matéria prima das primeiras tintas, sendo que as imagens representadas proporcionam atualmente o entendimento da sociedade primitiva.

Os significados da comunicação tanto verbal, icnográfica ou ideológica são assimilados pelo homem, pois: “A comunicação pode ou não ser pretendida, mas não só ao Homem é impossível não comunicar como também, para o homem, o mundo é cheio de significados e só é inteligível e compreensível porque lhe atribuímos significados e o interpretamos.” (SOUZA, 2006, p. 21).

Os significados interpretados facilitam a vivência em grupo. De todos os animais, o único que transmite mensagem complexa é o homem. Do seu surgimento até a atualidade, os meios de transmitir a mensagem evoluíram consideravelmente, pois: “a linguagem é mais do que um simples veículo da tradição. Ela afeta o que transmite. O sentido socialmente aceito de uma palavra (ou de outro símbolo) é quase necessariamente algo abstrato. [...] A linguagem faz com que a tradição seja racional.” (CHILDE, 1973, p. 15).

No surgimento do *homo sapiens sapiens*, a linguagem foi o fator que contribuiu para a socialização, sendo que a linguagem evoluiu da verbal para a escrita, mas não deixou de lado os aspectos da oralidade sendo que: “o conceito de mundo existe desde o momento em que alguém começou a contar o que via ao seu redor para alguém que entendia o que lhe era contado” (GONTIJO, 2004, p.14).

Com a socialização das experiências do cotidiano, o tempo livre passou a ser usado para a transmissão de informações com a oralidade, pois:

O crescimento dos agrupamentos humanos gerou a demanda da transmissão do conhecimento acumulado de forma sistematizada e para um número maior de pessoas do que aquele que se reunia em volta de uma fogueira para ouvir um narrador. A forma de armazenar as informações coletivas para que pudessem ser acessadas por diferentes pessoas passou a ser muito relevante. Não existem evidências de que a escrita tenha sido criada para enviar mensagens, mas tudo leva a crer que intenção de registrar está associada à necessidade de lembrar. (GONTIJO, 2004, p. 51).

As técnicas da oralidade e posteriormente da escrita passaram a ser dissimuladas e o coletivo passou a ser beneficiado. Com as histórias orais, contribui para o fortalecimento das relações pessoais e conseqüentemente o fortalecimento do grupo. Ocorreu a evolução significativa dos registros com a invenção da escrita.

Com os avanços tecnológicos da comunicação, surgiu um sistema de registro que permitiu preservar as informações: a escrita. Février (1995, p. 9), a define como: “um procedimento do qual nos servimos atualmente para imobilizar, fixar a linguagem articulada, fugaz por sua própria essência”. Com o registro da escrita a informação tornasse fidedigna, pois a informação não é alterada.

Como um sistema capaz de efetuar o registro sendo possível o seu arquivamento, a revolução da comunicação atribuiu caracteres sendo que a somatória de caracteres propicia informações complexas, mas carece de fatores para o seu entendimento pleno. Os fatores da sua invenção está associada ao controle agrícola.

Numa aldeia neolítica, a transmissão oral e pessoas era suficiente para o nível de sofisticação que as relações no interior de um pequeno grupo exigiam. Mas em agrupamentos maiores, onde nem todos conheciam todos e, mais ainda, onde um empreendimento podia durar mais de uma geração, a simples transmissão oral não era mais suficiente. Havia que encontrar formas interpessoais e objetivas. Era importante que um sinal deixado por alguém não se tornasse uma obra aberta e sujeita a diversas interpretações, mas fosse um símbolo específico que significasse aquilo e apenas aquilo. (PINSKY, 1994, p. 56)

O primeiro sistema de escrita foi criado pelos sumérios na Mesopotâmia, em 3.000 anos a.C, e foi denominado de escrita cuneiforme, devido as formas das letras, que tinham o formato de uma cunha. O sistema da escrita: “reproduz, no domínio da comunicação, a relação com o tempo e o espaço que a agricultura havia introduzido na ordem da subsistência alimentar”. (LÉVY, 1993, p. 87). Diferentes

culturas desenvolveram seu sistema de escrita com características distintas nas civilizações agrícolas da Antiguidade, visto que uma civilização não possuía contato com a outra.

Além dos sumérios, também na Antiguidade os egípcios desenvolveram um sistema de escrita denominado de escrita hieroglífica, com caráter essencialmente religioso.

A mais antiga forma da escrita egípcia surgiu no início do Antigo Império e foi denominada “hieróglifo” (do grego *hieros*, “sagrado”, e *glyphein*, “gravar”, ou seja, a “escrita dos deuses” ou “entalhes sagrados”). Essa escrita é encontrada, sobretudo em monumentos e, normalmente, gravada em pedra. Os hieróglifos serviam principalmente a propósitos religiosos, e seu conhecimento era limitado à casta dos sacerdotes, que formava escribas em escolas próprias. (BAUSSIÉ, 2005, p. 5).

Antes da decifração dos hieróglifos egípcios por Jean-François Champollion, em 1822, acreditava-se que a escrita egípcia era composta por um único tipo de sinal, o pictográfico (imagens).

Os egípcios inventaram as letras maiúsculas e também inventaram o papel, sendo uma das matérias primas, ou se não a principal matéria prima para a impressão dos jornais.

O primeiro jornal com notícias circulou em 59 a. C (antes de Cristo). A *Acta Diurna* era uma publicação oficial do governo de César. O jornal noticiava as guerras, conquistas e não era imparcial. Devido ao preço do papel, o jornal *Acta Diurna* fazendo a comparação com os meios de propaganda atuais, era como um *Outdoor*, sendo expostas nas maiores cidades romanas.

Na Idade Média, as obras literárias eram reproduzidas pelos monges copistas. Havia mosteiros especializados na arte de copiar, mas foram preservadas somente as obras que interessava a Igreja Católica.

2.1 OS PRIMEIROS JORNAIS IMPRESSOS NO MUNDO

A possibilidade de narrar notícias, histórias e novidades e de as difundir para um número vasto de pessoas através da impressão, que possibilitou a difusão da Bíblia, dos livros e jornais impressos surgiu com a invenção de Gutenberg, entre 1430 e 1440. Como a tipografia de caracteres móveis já existisse antes do século XV, Gutenberg inventou um processo de criação de inúmeros caracteres a partir de metal fundido.

A instalação de tipografias por toda a Europa permitiu a explosão da produção de folhas volantes, de relações de acontecimentos e de gazetas que, publicadas com carácter periódico, podem se considerar os antepassados diretos dos jornais na atualidade.

Segundo Costella (1984, 83), para alguns historiadores o mais antigo jornal impresso da história é o *Noviny Poradné Celého Mesice Zari Léta 1597*, jornal com circulação mensal editado em Praga por Daniel Sedltchansky, a partir de 1597. Outros historiadores indicam o pioneirismo do primeiro jornal impresso ao semanário *Nieuwe Tijdinghen*, criado em Antuérpia por Abraão Verhoeven, em 1605. Em 1622, surge em Inglaterra o *Weekly News*. Em 1611 surge o *Mercure Français*.

O surgimento da imprensa escrita foi, de acordo com Sousa (2003), o primeiro passo para a democratização da cultura, mesmo tendo desencadeado a estandardização e a simplificação das mensagens. Antes da indústria da comunicação, a compreensão do tempo passado e de lugares distantes se fazia por pessoas que mantiveram contato com essas realidades.

Com o surgimento da imprensa escrita após a invenção da prensa tipográfica de Gutenberg, as notícias propiciavam um amplo acompanhamento da sociedade, mas os primeiros jornais não possuíam imparcialidade.

Também não há consenso sobre qual foi o primeiro jornal impresso editado diariamente, pois alguns autores consideram jornais diários aqueles que são publicados três ou quatro dias seguidos por semana, não sendo necessário a edição nos sete dias semanais. O *Daily Courant*, criado em Inglaterra por Elizabeth Mallet, em 1702, foi, porém, o primeiro a ser publicado todos os dias, com exceção do domingo. Era apenas uma folha de papel, que não só mostrou que as pessoas queriam conhecer rapidamente as notícias como também contribuiu para transformar o conceito de atualidade relacionado às informações.

2.2.1 A Tipografia e os jornais impressos na América

Após a invenção da prensa tipográfica de Gutenberg, levou ainda dois séculos para que a novidade chegasse às Américas. “A primeira tipografia surgiu no México, em seguida no Peru. No século XVII, ainda bem antes do que no Brasil, surgem tipografias na Bolívia, Guatemala e Paraguai.” (Observatório da Imprensa, 2008).

No Brasil tardou ainda mais, segundo a historiadora Márcia Abreu:

somos o 12º país na América Latina a ter a tipografia instalada. Nas Américas, dos séculos XVI ao XIX, as tipografias se espalharam de forma desigual. Na América espanhola o desenvolvimento da impressão de livros foi bem anterior ao Brasil. A primeira tipografia surgiu no México, em seguida no Peru. No século XVII, ainda bem antes do que no Brasil, surgem tipografias na Bolívia, Guatemala e Paraguai. (<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/download/488M.pdf>)

Com a invasão das tropas francesas em Portugal em 1807, a família real e sua comitiva alçaram viagem a colônia mais próspera de Portuga, vindo ao Brasil. A partir da chegada da família Real no Brasil, formalizou-se a Imprensa Régia, pois:

No Brasil colônia a instalação da imprensa teve características próprias. A chegada da Corte Portuguesa ao Brasil em 1808, motivada pela invasão de Napoleão, exigiu uma série de transformações na colônia, que passou de terra explorada e atrasada, à sede da Monarquia. O Príncipe Regente veio de uma capital europeia e trouxe consigo costumes, luxos, manias, formalidades, erudição escrita, artística e musical, enfim, tudo o que a colônia, até então, praticamente, desconhecia. (OLIVEIRA)

A prensa de impressão passou a ser usada após dois meses da chegada da família real ao Brasil. Na América espanhola a prensa de impressão já estava em uso a mais de dois séculos antes que o Brasil. “Mas, em relação à América Portuguesa, há uma grande distância entre o começo da ocupação e o funcionamento efetivo de uma administração colonial, circunstância que, isoladamente, já pode esclarecer a ausência de tipografias naquele período”. (MELLO, 1973, p. 68).

Nas colônias inglesas da América, o que atualmente chamamos de Estados Unidos da América, o primeiro jornal impresso foi *Public Occurences Both Foreignand Domestic* posteriormente o semanário *Boston News Letter*, em 1704. O *Public Occurences* ,foi fundado em Boston, por John Campbell e William Brooker. Em Boston surgiu ainda o terceiro jornal americano, a *Boston Gazette* (1719). Todos noticiavam sobre política, economia, atualidades e cotidiano.

O jornalismo hispano-americano surgiu a partir de 1722, ano em que é fundada a *Gaceta de México y Noticias de Nueva España*, por Juan Francisco Sahagún e pelo bispo Castorena.

Sucedem outros jornais noticiosos em vários pontos da América espanhola, como a *Gaceta de Lima* (1743), a *Gacetade Habana* (1764), a *Gaceta de Buenus Aires* (1764), que tinha a particularidade de ainda ser manuscrita) e a *Gaceta de*

Bogotá (1785). Exemplos de jornais eruditos com textos filosóficos, literários e também científicos surgiram, como *Mercúrio Volante* (México, 1772) e a *Gaceta Literaria* de México (1788); e de jornais partidários, de opinião e difusão de ideias, como o *Diario de Lima* (1790) e o *Mercúrio Peruano* (1795) de acordo com Sousa (2006, p. 100).

2.2.2 JORNAIS NO BRASIL

No ano de 1808 que o Brasil iniciou sua história oficialmente para a da imprensa. Dois jornais são considerados os precursores da imprensa escrita brasileira, sendo um impresso no Brasil, *Gazeta do Rio de Janeiro* e o outro impresso na Europa, *Correio Braziliense*, mas com circulação nacional.

A publicação do jornal *Gazeta do Rio de Janeiro* em 10 de setembro de 1808 é oficialmente reconhecida como o jornal régio do Brasil, que enaltecia as monarquias tanto da Europa quanto dos demais continentes. Possuía como função primordial a difusão da documentação referente a administração do Estado Português no Brasil, sendo um Diário Oficial.

por meio dela só se informava ao público, com toda fidelidade, do estado de saúde de todos os príncipes da Europa e, de quando em quando, as suas páginas eram ilustradas com alguns documentos de ofício (...) A julgar-se do Brasil pelo seu único periódico, devia ser considerado um paraíso terrestre, onde nunca se tinha expressado nenhum queixume. (ARMITAGE *apud* SODRÉ, p.23, 1983).

Com a independência brasileira, em 1822, a publicação da *Gazeta do Rio de Janeiro* foi extinta, sendo substituída pelo *Diário Fluminense*, criado pelo monarca Dom Pedro I.

O primeiro exemplar foi publicado em 10 de setembro de 1808 e com as dimensões padrão das folhas estrangeiras (19 X 13,5), com formato in-quarto; características que já apontam algumas semelhanças com o estilo e estrutura da folha oficial portuguesa originada em 1715. O *Jornal Gazeta do Rio de Janeiro*:

Jamais noticiava os fatos que ameaçavam a estabilidade do Império Português e/ou não retratassem a imagem idílica que a monarquia desejava veicular, compondo, assim, ao longo do tempo, uma omissão fundamental no leque informativo do periódico. (Meirelles, 2007, p. 6)

Dois outros periódicos que circularam no Brasil foram: o *Correio da Tarde* (1809) e o *Correio de Lisboa* (1812), ambos confeccionados pela Imprensa Régia brasileira.

Três meses separam a chegada da Família Real ao Rio de Janeiro em março de 1808 e o lançamento do primeiro jornal a circular no Brasil, o *Correio Braziliense*, sendo o proprietário Hipólito da Costa. Dos meses de junho a dezembro, o foco principal do jornal foi a política implantada pelo D. Joao VI no Brasil e colônias portuguesas. Com uma linha editorial independente, expressava sem convicções políticas.

O surgimento da imprensa brasileira é uma das consequências diretas da chegada da Família Real ao Brasil, pois a *Gazeta do Rio de Janeiro*, na definição de Sodré (1983, p. 19), fosse apenas um “arremedo de jornal”, “[...] um pobre papel impresso, preocupado quase quetão-somente com o que se passava na Europa, de quatro páginas in 4º [...]”.

Notadamente um dos jornais defendia e era redigido pelo governo e o outro com linha editorial mais independente.

2.2.3 JORNAIS EM SANTA CATARINA

No ano de 1831 iniciou-se a publicação do jornal *O Catharinense*, primeiro jornal de Desterro, capital de Santa Catarina naquela época. Na linha editorial o jornal relatava a política, regras comportamentais e atendia aos interesses dos partidos políticos locais.

O *Catharinense* era um jornal pequeno, ligado ao poder público local, redigido, editado e distribuído gratuitamente. Nele eram divulgadas ideias liberais e seus principais leitores foram os funcionários públicos e militares. Segundo o historiador Oswaldo Rodrigues Cabral, o fundador do jornal *Catharinense*, Jerônimo Coelho foi o maior intelectual catarinense do século XIX.

O jornal possuía ideais revolucionários, pois: “difundia os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, desfraldados pela Revolução Francesa.” (FERNANDES, 2009 p.19). Com circulação bissemanal expressava os ideais republicanos em pleno império brasileiro.

Progressivamente surgiram outros jornais, sendo:

O Expositor (1832 – 1833); Conciliador (1835); O Conciliador Catarinense (1849 – 1851); O Conservador (1854); O Relator Catharinense (1845); O Correio Catharinense (1852 – 1854); O Bota Fogo (1858); O Santelmo (1858); O Cruzeiro do Sul (1858 – 1860); O Cruzeiro (1860); O Catarinense (1860 – 1861); O Chaveco (1860 – 1861); O Correio Oficial de Santa Catarina (1860 – 1861); O Progressista (1860 – 1861); A Estrela (1861); O Livro Negro (1861); O Mercador (1861); A Quinzena (1861 – 1862); O Mercantil (1861 – 1869); Pacajá (1862); O Despertador (1873 – 1885); Periódico da Semana (1864 – 1865); O Beija Flor (1867 – 1868); O Constitucional (1867 – 1868); Commercial (1868); A Lealdade (1868); A Perseverança (1868); A Regeneração (1868 – 1874; 1877 – 1878; 1880 – 889); A União (1868); A Voz da Verdade (1869 – 1870); O Cacique (1870 – 1871); A Província (1870 – 1872); O Typógrafo (1872); O Conciliador (1872 – 1873); O Til (1874 – 1875); Opinião Catarinense (1874 – 1875); O Conservador (1873 – 1880); O Operário (1881); Província (1882); O Caixeiro (1882 – 1883); Matraca (1882 – 1888); Conservador (1884 – 1889); O Crepúsculo (1887 – 1888); O Mosquito (1888 – 1889); Jornal do Comércio (1880 – 1886 e 1894). (HOLLER, p. 1).

A história da imprensa no planalto norte catarinense iniciou com a colonização. Em São Bento do Sul em 1885 foi editado o jornal manuscrito Urubu e em 1890 com o uso da tipografia foi publicado o jornal Liberdade.

Em Canoinhas SC O primeiro jornal impresso foi O Imparcial, em 1915, lançado por Adolpho Badin. Em Mafra, o primeiro jornal impresso foi editado oito meses após criação do município. Dois jornais foram lançados em datas próximas, sendo: “É uma caso raro em que dois primeiros jornais do município surgiram quase que simultaneamente. A Pátria foi lançada em 13 de junho de 1918 e a Folha do Norte no dia 17 do mesmo mês e ano.” (FERNANDES, 2009, p. 69).

O jornal Folha do Norte somente teve 16 edições, sendo de circulação dominical.

No ano 1919, outro jornal em Mafra surgia, A Comarca de propriedade de José Severiano Maia, um dos políticos mais expressivos em nível local.

O maior fundador de jornais em Riomafra foi Abelardo Luiz Oliveira.

Fundaria cinco novos jornais na cidade de Mafra: O Correio de Mafra, fundado em 1932, a Nação, em 1933. Em 1934 se destacava com o jornal O Trabalho, todos com edição semanal. Em 1947, institui o Jornal de Mafra, e em 1956, O Noticiário da Fronteira, inicialmente com edição semanal e posteriormente diária. (MEDEIROS, 2010, p.119)

A história da imprensa está impregnada na história local, pois: “a imprensa registra, comenta e participa da história. Através dela se trava uma constante batalha pela conquista dos corações e mentes.” (CAPELATO, 1988, p.13).

A imprensa é um mecanismo de difundir a cultura, informar usando o tempo relativamente curto e orientar a população.

2.2.4 TRIBUNA DA FRONTEIRA

A trajetória do Jornal Tribuna da Fronteira iniciou em 20 de novembro de 1960. Os idealizadores do jornal foram os professores Antônio Dias e Nivaldo Lang (que lecionavam no Colégio Barão de Antonina), sendo um colégio tradicional e central da cidade.

O nome do jornal chamou-se de Tribuna para ser realmente a tribuna da comunidade, a fim de trazer ao povo e aos municípios irmãos (Mafra e Rio Negro) um segmento para defender seus interesses. Fronteira, por estar situada na fronteira de dois Estados, Mafra-SC e Rio Negro-PR, provindo o nome Tribuna da Fronteira. (FERNANDES, 2009, p. 70).

O único jornal em circulação até então, era o Noticiário, mas havia a carência de linhas editoriais de opinião. Assim surgiu um novo jornal, a Tribuna da Fronteira.

O primeiro número da Tribuna da Fronteira circulou na manhã de 20 de novembro de 1960, com sua redação e oficina funcionando na rua Frederico Heyse, hoje avenida, próximo ao Ginásio Barão de Antonina.

Formou-se dali em diante um novo conceito de jornal e imprensa local, defendendo os direitos de Mafra e Rio Negro, formalizada na época por J. Sartori, que iniciou colaborando com os fundadores da Tribuna da Fronteira, permanecendo até hoje em seu quadro organizacional.

Com a implantação da ditadura militar de 1964, Antônio Dias (que era o único proprietário do jornal) exilou-se do Brasil por motivos de ordem política; o jornal passou a ser dirigido por Alaor Lino da Silva, e, consecutivamente, por uma diretoria formada pelos empresários Nereu Procopiak e Ary Luiz Radünz. Em seguida, por Romário Schafhauser e Geraldo Schapiéwski.

Ao final da década de 70, Antônio Dias voltou ao jornal, sendo seu diretor até o início da década de 90, quando vendeu o jornal para os funcionários João Sartori e Izabel de Fátima Blonkowski. Em 1998, desfez-se a sociedade e hoje o jornal é de propriedade da Família Sartori.

Através de convênios mantidos entre as Prefeituras de Mafra, Rio Negro, Itaiópolis e Papanduva e este jornal, são divulgadas matérias oficiais ou informativas desses Municípios.

A linha editorial é independente e defende os interesses da sociedade.

Quanto às páginas que compõe o jornal são distribuídas normalmente em dois cadernos em média de 18 e 24 páginas, salvo em edições especiais que pode chegar até em 40 páginas, com o aumento do número de cadernos.

As capas e ultimas páginas são a cores e as demais em preto e branco. O formato do jornal é *standardt*, medindo cada página 29,7 cm de largura X 54 cm de altura, dividindo-se em seis colunas. O jornal é impresso na Helvética Composições Gráficas, em Curitiba.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia baseou-se em dois métodos distintos: metodologia bibliográfica e pesquisa de campo. Esse último tipo de pesquisa é validada pela Escola de *Annales*.

A pesquisa bibliográfica é uma etapa fundamental em todo trabalho científico que influenciará todas as etapas de uma pesquisa, na medida em que o embasamento teórico em que se baseia o trabalho. Consistem no levantamento, seleção, fichamento e arquivamento de informações relacionadas à pesquisa.

Para Perini (1996, citado por BAGNO, 2007, p.9)

as habilidades de raciocínio, observação, formulação e testagem de hipóteses [...] são um pré-requisitos à formação de indivíduos capazes de aprender por si mesmos, criticar o que aprendem e criar conhecimento novo.

O pesquisador na metodologia bibliográfica busca confrontar autores sobre o assunto estudado, levando em consideração a fidedignidade das informações e coesão de ideias. Com a pesquisa bibliográfica foi realizado o levantamento da história dos jornais impressos.

Como o tema estudado em nível local não possui obras literárias abordando o assunto com abrangência, a finalização do artigo basear-se-á no respaldo das novas fontes de pesquisa. Esta nova fonte é respaldada pela escola de *Annales* que respalda as informações não documentais ou bibliográficas.

Com a Escola de *Annales*, propiciou o uso de novas fontes tais como: entrevista, imagens, e demais mídias (internet, revistas, jornais entre outros).

Atrelando as duas fontes de pesquisa, foram sanadas as indagações da pesquisa. Para conhecer a história do Jornal Tribuna da Fronteira, foi entrevistado o diretor atual do jornal, sendo que trabalha no jornal a mais de 30 anos. Na biblioteca pública de Mafra há inúmeras edições do Jornal Tribuna da Fronteira que foram consultados.

A pesquisa iniciou-se com a pesquisa bibliográfica nas Bibliotecas públicas de Mafra SC e Rio Negro PR e na Biblioteca Conselheiro Mafra (biblioteca da Universidade do Contestado).

Paralelamente a pesquisa bibliográfica foi realizada o levantamento da história do jornal Tribuna da Fronteira. Pesquisado informações do jornal com a atual equipe diretiva, através de entrevista estruturada e pesquisa em jornais Tribuna da Fronteira arquivados na Biblioteca Pública de Mafra.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Até a data de 24 de agosto de 2013, ao longo dos 52 anos, o Jornal Tribuna da Fronteira já publicou 2674 edições interruptas, sendo que possuiu uma pequena experiência como jornal diário quando direção da mídia impressa era o Antônio Dias. Devido ao fato de ser uma fonte jornalística de cidades interioranas, e de não possuir gráfica própria, atualmente, torna-se mais viável a circulação semanal.

A direção do jornal foi sucedida da fundação até 2013: Antônio Dias, Alaor Lino da Silva, Nereu Procopiak e Ary Luiz Radünz, Romário Schafhauser e Geraldo Schapiéwski, Antônio Dias, João Sartori e Izabel de Fátima Blonkowski e atualmente João Sartori e família.

A linha editorial é independente, sendo a veracidade jornalística baseada na ética, a moral tanto do jornal quanto leitor e demais envolvidos na cadeia de jornalística. Também são publicados artigos assinados, sendo que o assinante responde pelas informações supracitadas.

Na linha editorial, a mídia defende um posicionamento, sendo a identidade do jornal. O posicionamento jornalístico é caracterizado pelo meio que a informação é redigida, enaltecendo o fato, informando ou criticando. Também proporciona o direcionamento político, religioso, étnico e cultural. De acordo com Wernek, Melo e

Oliveira, a situação política e econômica do país influencia na linha editorial. Na mídia independente, significa que a mídia é autônoma, coesa, visando a credibilidade, mas mistificando a informação para o público leitor.

O Jornal é publicado em dois cadernos, em média entre 18 e 24 páginas, possuindo até 40 páginas em datas especiais, devido a anúncios pagos.

O jornal é impresso na Helvética Composições Gráficas, em Curitiba, sendo transportado a Mafra de ônibus e distribuído por 10 jornaleiros, além das bancas de venda.

Possui uma tiragem de 7000 exemplares semanais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A evolução da mídia impressa, com as iconografias, a prensa tipográfica incluindo a história da evolução jornalística no que tange ao surgimento dos jornais propicia o conhecimento, pois direciona aos primórdios do surgimento da comunicação, da escrita até ao jornal Tribuna da Fronteira.

O jornal impresso não está sendo sucumbido pelas novas tecnologias, sendo que está atrelando valores a informação com os meios tecnológicos para difundir as notícias. Os jornais evoluíram ao longo da história, sendo que atualmente possuímos inúmeras concepções de linhas editoriais.

O jornal Tribuna da Fronteira é o mais antigo jornal em circulação do planalto norte catarinense, sendo ícone na difusão de notícias em nível regional, tanto do norte catarinense quanto o sul paranaense. Da região abrangente a área de circulação da Tribuna da Fronteira há somente 4 concorrentes, sendo o Tribuna da Fronteira o jornal mais tradicional com a maior longevidade ininterrupta jornalística.

Não há pesquisas sobre a história da imprensa em nível local, sendo que o trabalho proporcionou a referência a outros artigos, monografias ou teses sobre o assunto indagado. O resgate da trajetória do meio de comunicação mais tradicional das cidades de Mafra SC e Rio Negro contribui para que a história seja conhecida, sendo que o município de Mafra completará um século.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. Pesquisa na escola: o que é, como se faz. 21. ed. São Paulo: Ed. Loyola, 1998.
- FERNANDES, M. L.. Origem da Imprensa em municípios Catarinenses. Florianópolis: ADJORI, 2009.
- BAUSSIÉ, S. Pequena História da Escrita. São Paulo: Sm, 2005.
- CAPELATO, M. H. R. Imprensa e História do Brasil. São Paulo: Contexto / EDUSP, 1988.
- CHILDE, G. O que aconteceu na História. 3. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- COSTELLA, A. *Comunicação - Do Grito ao Satélite*. 3ª Ed.. São Paulo: Editora Mantiqueira, 1984.
- FERNANDES, M. L. Origem da Imprensa em municípios Catarinenses. Florianópolis: ADJORI, 2009.
- GIOVANNINI, G (coord). Evolução na Comunicação do Sílex ao silício. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- GONTIJO, S. *O livro de ouro da comunicação*. São Paulo: Ediouro, 2004.
- HOLLER, M. T; VINCENZI, A. M. A música na imprensa em Desterro durante o império. Disponível em <http://www.ceart.udesc.br/revista_dapesquisa/volume3/numero1/musica/anamaria-marcos.pdf> Acesso em 15 de mai de 2013.
- LÉVY, P. As tecnologias da Inteligência - o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1993.
- MEDEIROS, M. M. Mafra 90 anos de história: ontem... hoje... e sempre. Mafra: Independente, 2010.
- MEIRELLES J. G. A *Gazeta do Rio de Janeiro*: o jornal oficial da Corte de D. João VI no Brasil(1808-1821). V Congresso Nacional de História da Mídia – São Paulo – 31 maio a 02 de junho de 2007. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/5o-encontro-2007-1/A%20Gazeta%20do%20Rio%20de%20Janeiro%20o%20jornal%20oficial%20da%20Corte%20de%20D.%20Joao%20VI%20no%20Brasil.pdf>> Acesso em 01 de mai de 2013.
- MELO, J. M. de. Comunicação Social: teoria e pesquisa. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

_____. J. M. de. Sociologia da Imprensa Brasileira: a implantação. Petrópolis: Vozes, 1973.

<<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/download/488MCH002.pdf>> acesso em 02 de mai de 2013.

OLIVEIRA, F. C. F. de. A Imprensa Tardia no Brasil Razões e Circunstâncias. Disponível em <http://www2.faac.unesp.br/celacom/anais/Trabalhos%20Completo/GT1-%20Pensar%20e%20Comunicar%20a%20Am%C3%A9rica%20Latina/39.Fabio%20Fleury_Imprensa%20tardia%20no%20Brasil.pdf> Acesso em 26 de mai de 2013.

PINSKY, J. As primeiras civilizações. 13^a ed. São Paulo: Atual, 1994.

SODRÉ, N. W. História da Imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

SOUSA J. P. Uma história breve do jornalismo no Ocidente. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf>> Acesso em 05 de abr de 2013.

SOUZA; J. P. Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e da Mídia. Porto: (?), 2006. Disponível em <<http://bocc.unisinos.br/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-teoria-pesquisa-comunicacao-media.pdf>> Acesso em 2 de abr de 2013.

TATTERSALL, I. Como nos tornamos humanos. São Paulo: Duetto, 2006.